
Turismo de Base Comunitária na Amazônia: Potencialidades e perspectivas da atividade na região Beira-Amazonas, Amapá – Brasil

Community-Based Tourism in the Amazon: Potentialities and perspectives of activity in the Beira-Amazonas region, Amapá – Brazil

Paulo Henrique de Santana Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-9168-5920>

Instituto de Federal do Amapá - IFAP, Profnit – ponto focal UNIFAP, Brasil

E-mail: phsbrasil.37@gmail.com

Diego Armando Silva da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1018-3640>

Instituto de Federal do Amapá - IFAP, Brasil

E-mail: diego.armando@ifap.edu.br

Francisco de Tarso Ribeiro Caselli

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8654-6551>

Universidade Federal do Piauí-UFPI, Profnit – ponto focal UFPI, Brasil

E-mail: tarso.caselli@ufpi.edu.br

Werboston Douglas de Oliveira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4566-6290>

Universidade Federal do Amapá-UNIFAP, Profnit – ponto focal UNIFAP, Brasil

E-mail: wdoliveira@unifap.br

Janaina Freitas Calado

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7489-0080>

Universidade do Estado do Amapá – UEAP, Brasil

E-mail: janaina.calado@ueap.edu.br

Jadson Coelho Abreu

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9273-7533>

Universidade do Estado do Amapá – UEAP, Profnit – ponto focal UNIFAP, Brasil

E-mail: jadson.abreu@ueap.edu.br

Francisco Tarcísio Alves Junior

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1137-8346>

Universidade do Estado do Amapá – UEAP, Profnit – ponto focal UNIFAP, Brasil

E-mail: tarcisioalvesjr@yahoo.com.br

RESUMO

Turismo de Base Comunitária (TBC) se alicerça na participação dos membros da comunidade, em escala local, para contribuir economicamente como renda, complementar atividades endógenas e favorecendo os pilares do desenvolvimento sustentável. Analisou o empreendedorismo social com base nas potencialidades e limitações do TBC na região do Beira Amazonas, no estado do Amapá, Brasil. Fundamentou-se na pesquisa documental, bibliográfica nas bases de referência, de campo com visita às comunidades da Foz do rio Macacoari. As comunidades da pesquisa apresentam características para desenvolverem a prática do TBC como uma atividade secundária de seus processos produtivos e atividades para contribuir com a sustentabilidade local, considerando os fatores econômicos, sociais, ambientais e culturais. Roteiros turísticos ligados a atividades produtivas, como a cultura do açaí, farinha de mandioca, pesca, cozinha comunitária, sem deixar de lado as expressões e vivências culturais, sociais e ambientais, se apresentam como potencialidades imediatas de fácil estruturação.

Palavras-chave: Turismo rural; Cadeias produtivas; Amazônia; Empreendedorismo social.

ABSTRACT

Community-Based Tourism (TBC) is based on the participation of community members, on a local scale, to contribute economically as income, complement endogenous activities and favor the pillars of sustainable development. It analyzed social entrepreneurship based on the potential and limitations of TBC in the Beira Amazonas region, in the state of Amapá, Brazil. It was based on documentary and bibliographical research in reference bases, in the field with visits to the communities of Foz do Rio Macacoari. The research communities present characteristics to develop the practice of TBC as a secondary activity of their production processes and activities to contribute to local sustainability, considering economic, social, environmental and cultural factors. Tourist itineraries linked to productive activities, such as açai cultivation, cassava flour, fishing, community cuisine, without leaving aside cultural, social and environmental expressions and experiences, present themselves as immediate potentialities that are easy to structure.

Keywords: Rural tourism; Production chains; Amazon; Social entrepreneurship.

INTRODUÇÃO

A atividade do turismo se destaca mundialmente, ano a ano, como parte importante dos serviços disponíveis à população. Milhares de pequenas empresas familiares, cooperativas e organizações comunitárias contribuem ao enriquecimento para esta oferta nos âmbitos local, nacional e internacional, destacando-lhe diversos atributos próprios (MALDONADO, 2009).

Para Fontoura e colaboradores o turismo é algo importante e atual, conforme descreveu a seguir:

“O turismo representa um fenômeno contemporâneo, complexo e multifacetado, que envolve inúmeras dimensões, não apenas econômica, mas também socioambiental, ética e política. A importância desse fenômeno pode ser ilustrada pelas estatísticas turísticas, ao apontarem as tendências globais de expansão em praticamente todas as regiões do mundo, nos próximos anos. (FONTOURA et al., 2019. p. 15).

No Brasil, as primeiras iniciativas do turismo com características culturais e elementos das comunidades locais, que passou a ser conhecido como Turismo de Base Comunitária – TBC, ocorreram na última década do século XX (BURSZTYN; BARTHOLO, 2012; GRACIANO; HOLANDA, 2020; MORAES et al., 2020). Com estas peculiaridades, de cada local, saberes e povos, bem como, suas dinâmicas, o TBC não pode ser moldado com base em um modelo idealizado e generalizado para todo e qualquer contexto socioeconômico (MORAES et al., 2020).

Por suas características socioculturais e ambientais, o estado do Amapá é um destino provido de grande potencial turístico, sua capital Macapá, é a única da Amazônia banhada pelo rio Amazonas, o seu território conta com mais de 70% de unidades de conservação e preservação. Trazendo ainda, atrativos da sua história, gastronomia e

principalmente seu povo. Assim, o Estado é privilegiado por atributos capazes de despertar o interesse em atrair um número significativo de turistas (SETUR, 2016; SETUR, 2019).

O Turismo de Base Comunitária, na abordagem de Burgos e Mertens (2016), “é uma prática turística diferenciada do turismo convencional que visa à promoção da participação de todos os membros da comunidade envolvidos na atividade”. Os autores ponderam, ainda, que “consiste na compreensão e apreciação do TBC que exige uma abordagem sistêmica que examine os processos colaborativos entre os diferentes membros da comunidade como um elemento chave do sucesso da atividade”.

Diante da predominância do turismo tradicional, massificado, com características que não podem faltar como conforto e comodidade, essa região oferece também uma oportunidade da prática do Turismo de Base Comunitária (TBC), em prol da comunidade e com um estilo de vida que preserva os valores culturais e as belezas naturais tornam-se um gerador de renda e bem-estar para os moradores, a exemplos encontrados na Região do Beira Amazonas, no estado do Amapá.

Conforme o estudo da Universidade do Estado do Amapá, a região do Beira Amazonas é distribuída em nove localidades, há uma rede hidrográfica composta pelos rios Piririm, Jupati e Macacoari, sendo que neste último encontra-se umas das comunidades, a Foz do Macacoari, região conhecida como Beira Amazonas pelos moradores locais. Na comunidade residem aproximadamente 38 famílias, distribuídas em três vilas, Arapú, Foz do Macacoari e Vila dos Evangélicos, as quais sobrevivem do extrativismo, pesca e a caça, bem como possuem quintais agroflorestais como subsídio ao sustento das famílias (UEAP, 2020).

De acordo com dados do Protocolo Comunitário do Beira Amazonas, o percentual de famílias que praticam o cultivo de subsistência é de aproximadamente 85%, com a prevalência do extrativismo, especialmente do açaí que gira em torno de 78,95% das famílias do território; isto demonstra a relação intrínseca do uso sustentável dos recursos naturais disponíveis no território (GOMES; CALADO, 2020).

Então, o objetivo geral da presente pesquisa foi mapear as potencialidades do TBC na região do Beira Amazonas, no município de Itaupal do Piririm no estado do Amapá-Brasil. Para tanto, pretendeu-se caracterizar as atividades econômicas com características potenciais para o TBC nas comunidades da região do Beira Amazonas, traçando um perfil socioeconômico dos agentes e suas atividades com viés para o TBC e propor roteiros

turísticos a partir dos resultados encontrados nas esferas socioeconômica e cultural buscando contribuir para desenvolvimento sustentável na região.

REFERENCIAL TEÓRICO

TURISMO NA HISTÓRIA

O turismo é um pilar importante para a economia de muitos países e localidades em todo o mundo (MTAPURI; CAMILLERI; DŁUŻEWSKA, 2022). O turismo, conforme os estudos de Prediger (2014) começou a ser realizado no mundo mesmo antes de receber a nomenclatura, pois o homem primitivo para sobreviver sentiu a necessidade de viajar e migrar para vários lugares em busca de abrigo e alimento. Mas, com a evolução da humanidade, hoje o turista não é mais a pessoa que migra em busca de condições de sobrevivência.

Andrade (2012), dividiu a história do turismo em quatro estágios, sendo:

O 1º estágio conhecido como a sua pré-história, vai da era medieval o começo do século XVII, onde os deslocamentos ocorriam para a participação em guerras e lutas, sendo que as peregrinações a santuários sagrados e as necessidades do comércio em estender suas relações a outros lugares ainda geravam movimentos periódicos.

O 2º estágio começa com a chegada dos meios de transporte, sobretudo do ferroviário, devido ao desenvolvimento industrial ocasionado pela revolução tecnológica do final do século XIX, gerando forte expansão econômica, provocando a necessidade de deslocamento do ser humano.

O 3º estágio vai do período de 1918 a 1939, período entre guerras, durante 21 anos, ocorrendo à 1ª guerra mundial em 1914, seguindo-se a um período de recessão e a uma ruptura da evolução até o ano de 1919, onde os investimentos na aviação e na expansão das rodovias foram priorizados em detrimento às ferrovias.

O 4º estágio ocorreu no período pós-guerra de 1945 estendendo-se até os dias atuais. O referido período foi beneficiado pelos avanços produzidos pela 2ª revolução tecnológica e industrial, traduzido no aumento do poder aquisitivo, de tempo livre e, por consequência, acarretando na mudança de hábito, as pessoas passaram a realizar viagens para conhecer novos lugares (ANDRADE, 2012, p. 12).

Diante do exposto, ficou evidente que o turismo passou por um processo evolutivo, que segundo Prediger (2014), caminhou como o processo de desenvolvimento das cidades e do campo, onde o turismo passou a ser organizado como atividades turísticas. Nesse contexto, destaca-se Thomas Cook, conhecido como o pai do turismo de massa, quando teve a percepção de que várias pessoas tinham interesse na participação de um evento numa cidade próxima onde viviam (LENZ, 2011). Logo,

teve a ideia de alugar um trem para uma viagem de um dia, tornando-se um grande empreendedor e um divisor de águas do turismo.

Andrade (2012) ressaltou que no final do século XIX, ocorreu o advento de novas tecnologias, com o desenvolvimento de equipamentos que possibilitaram o aprimoramento dos meios de transportes. Assim, pode-se ressaltar que a mudança do turismo acompanhou a história do mundo. Vale ressaltar que as várias formas de turismo são conhecidas e praticadas em países do mundo todo, inclusive no Brasil.

ALGUNS CONCEITOS DE TURISMO

Dentre os inúmeros conceitos de turismo, nesta pesquisa destacou-se os pressupostos de Knafou (2001), que descreveu o turismo é conceituado como uma atividade humana que apresenta certa complexidade, onde sua prática pauta-se em questão os anseios e as representações do mundo, delimitada para uma atividade econômica que gera empregos e lucros para uma determinada comunidade.

O turismo conceitua-se como uma prática, conforme Castelli (2011), que coloca o indivíduo em contato com outras civilizações, culturas, costumes, mentalidades e valores, englobando a infraestrutura, os recursos naturais, culturais, artísticos, históricos, os meios de hospedagem e os serviços complementares, podendo ser desenvolvido no cenário internacional e nacional, por envolver os deslocamentos por determinado tempo de pessoas para outras regiões, países ou continentes.

Segundo Córner (2016), o turismo é conceituado como sendo um modelo de desenvolvimento econômico para a comunidade que o pratica, visto que seus benefícios podem influenciar positivamente diante das carências econômicas, sociais e estéticas, além de promover a conservação e a valorização da integridade cultural e ecológica.

Para Gomes (2017), o turismo contribui na melhora de indicadores socioeconômicos e ambientais nos locais da prática.

“Atividade turística pode contribuir para mitigar as desigualdades sociais, acelerar o crescimento econômico e diminuir impactos ecológicos negativos, em virtude que o turismo é um fenômeno social e econômico, mas que também pode oportunizar benefícios ecológicos, contudo o modelo econômico vigente desencadeia centralização do capital, desigualdades sociais e acúmulo de capital”(GOMES, 2017, p. 17)

TIPOS DE TURISMO

Segundo Andrade (2012), existem vários tipos de turismo a partir da diversidade de modos de educação, das desigualdades de níveis pessoais, desigualdades de informações e, sobretudo, da diferença de poder aquisitivo. Sendo assim, existem: turismo de férias, turismo cultural, turismo de negócios, turismo de base comunitária, dentre outros. No entanto, neste trabalho foi dado ênfase no turismo de base comunitária.

Turismo de Base Comunitária: conceitos e características

Segundo Lee e Jan (2019), no contexto do turismo sustentável, que visa à geração de impactos favoráveis nas dimensões econômica e social, em harmonia com o meio ambiente e as culturas locais, insere-se o modelo do TBC. Esse modelo tem sido considerado um importante instrumento de política de desenvolvimento local, com foco na geração de empregos e rendimentos, e ampliação da inclusão social.

O desenvolvimento local, conforme Vieira, Teixeira e Mayr (2019), é o desenvolvimento compreendido como o processo de crescimento econômico e de mudança estrutural, liderado pela comunidade e com a sua participação ativa, realizado na perspectiva da satisfação das suas próprias necessidades. Esse tipo de desenvolvimento caracteriza-se como uma forma de organização da produção, e de integração da sociedade e das instituições aos processos produtivos, e à capacidade de resposta do território ao cenário econômico, político e institucional.

Tolkach, King e Pearlman (2013), conceituaram o TBC como o turismo no qual as sociedades locais devem possuir o controle e ter um envolvimento efetivo na gestão e no desenvolvimento do projeto de turismo que desejam. Assim, por meio do envolvimento participativo da comunidade, a maioria dos benefícios alcançados pelos projetos deve pertencer à própria comunidade local.

O TBC conceituado a partir dos pressupostos de Ribeiro (2012), que diz que esse tipo de empreendimento precisa ser visto como uma atividade econômica que estimule a participação das pessoas que residem no local gerando um bem estar social e cultural. Esse tipo de turismo precisa ser feito de maneira autogestionária, dialogando com a comunidade.

Rawet (2014) e Coriolano e Lima (2003), relataram ainda, que quem deve oferecer o TBC são os moradores da própria comunidade, sendo considerados protagonistas no empreendimento, que precisa ser gerido conforme as suas necessidades. A título de exemplo, destacam-se as construções de pousadas anexas às casas, passeios no qual os guias e planejadores são os habitantes do local, ou pequenos restaurantes onde a comida ofertada é preparada e servida por esses mesmos membros da comunidade.

Sancho e Malta (2015), ressaltaram que o modelo de TBC tende a ser um modelo de turismo que favorece a coesão, o laço social e o sentido coletivo da vida em sociedade. Por esta via, promove a qualidade de vida, o senso de inclusão, a valorização da cultura local e o sentimento de pertencimento das pessoas que residem no local (ÁLVAREZ-GARCÍA; DURÁN-SÁNCHEZ; DEL RÍO-RAMA, 2018). Logo, configura-se como uma proposta de turismo que propicia um contato maior do visitante com o lugar e com os seus moradores, de modo a permitir que ocorra uma troca intercultural. Nesta proposta de turismo, as comunidades tornam-se protagonistas do processo, ditando seu ritmo e direção.

Conforme Maldonado (2009), o TBC é desenvolvido por grupos organizados, e os projetos são coletivos, de base familiar, integrada à dinâmica produtiva local, sem substituir as atividades econômicas tradicionais, baseando-se na ética e na solidariedade para estabelecer as relações comerciais e de intercâmbio entre a comunidade e os visitantes, promovendo a geração e a distribuição equitativa da renda na comunidade, além de se fundamentar na diversidade de culturas e tradições, promovendo a valorização da produção, da cultura e das identidades locais, bem como, na construção de uma relação entre sociedade, cultura e natureza, buscando a sustentabilidade socioambiental.

O que corrobora com a importância social, cultural, política, peculiaridades, distinguibilidade do turismo clássico e outras vertentes, sustentabilidade e limitações podem-se ver nas obras de Suansri (2003), Irving (2009), Maldonado (2009), MinTur (2010), Hallack; Burgos; Rocco Carneiro (2015), Fabrino; Nascimento; Costa (2016); Burgos; Mertens (2016), Pinheiro (2016), Guizi; Farias; Marchesini (2017), Oliveira; Santos (2019), Barros; Leuzinger (2020), Nascimento; Lima (2020).

TBC E SUAS IMPLICAÇÕES NO ESTADO DO AMAPÁ

O Estado do Amapá, localizado na região Norte do Brasil, possui alta biodiversidade, diferentes ecossistemas, e uma rica cultura, representada por populações tradicionais, como ribeirinhos, indígenas e quilombolas. Sendo o estado brasileiro mais bem conservado e mais protegido ambientalmente, com inúmeras belezas naturais, como potencialidades turísticas que podem ser inseridas no TBC (HILÁRIO et al., 2017).

A partir de uma reportagem realizada pelo Jornal Brasil Turismo (2021), sobre o TBC no Estado do Amapá apresenta-se como uma alternativa de renda e oportunidade para os moradores das localidades valorizarem sua própria cultura, visando promover um turismo mais igualitário, colocando a população local no protagonismo em todas as etapas como o planejamento, a implementação e o monitoramento, considerando a sustentabilidade social e ambiental.

No entanto, existem críticas à vasta extensão das UC do Estado do Amapá, apontadas como entraves ao crescimento econômico. Nesse contexto, é pertinente ressaltar que o TBC torna-se uma atividade potencialmente relevante, capaz de atender aos anseios de crescimento econômico, mas conservando a biodiversidade e a cultura locais. Mas, para estimular o TBC no Estado do Amapá, é necessário compreender os potenciais atrativos e os principais entraves para o recebimento de turistas (TOSTES; MOURA, 2017).

De acordo com Tavares (2002), podemos encontrar conceitos em dicionários da língua portuguesa e dicionários técnicos que apresentam diversas definições. Os roteiros turísticos são chamados também de *city tour*, e o termo roteiro turístico pode ser encontrado em algumas vertentes.

- referente ou relativo a caminhos; descrição de viagem, roteiro; caminho que se vai percorrer ou se percorreu; caminho, trajeto, percurso;
- documento que contém a descrição detalhada de um caminho a percorrer em viagem, podendo conter informações diversas de interesse turístico;
- itinerários, rotas, pacotes, excursões, circuitos turísticos, programas, etc.;
- grupo de informações que orientam os turistas e o guia durante a viagem. Contém as atividades que serão produzidas pela empresa de turismo durante a viagem

Os roteiros são, então, itinerários de visitação organizados que apresentam a relação de locais, horários e outras informações que formam uma programação de atividades turísticas mediante um planejamento prévio.

Os passeios organizados e planejados para atender determinada demanda podem ser feitos de forma específica (individual) ou geral (coletiva). Possuem características e procedimentos diferentes. Em todas as formas de roteirização é importante considerar a oferta turística, já que o produto turístico, os serviços e equipamentos são as principais motivações para a visitação dos turistas naquela localidade. “Os locais que recebem turistas necessitam estruturar o roteiro de forma organizada e planejada; por isso, os roteiros turísticos tornam-se importantes para a organização e comercialização do turismo como produto.” (SILVA; NOVO, 2010, p. 30).

Desta forma, para a elaboração do roteiro turístico é necessário o envolvimento dos atores: governos, sociedade civil e iniciativa privada. Estes segmentos conseguem reunir e organizar atrativos, equipamentos, serviços turísticos e infraestrutura de apoio ao turismo, resultando na formalização dos produtos de uma determinada localidade turística. (SILVA; NOVO, 2010, p. 30).

METODOLOGIA

A *priori* foi realizado uma pesquisa bibliográfica e uma pesquisa documental pautada na temática em estudo, sobretudo, de livros, artigos científicos, monografia, teses e dissertações, sendo importante para o levantamento de informações básicas sobre os aspectos direta e indiretamente ligados ao empreendedorismo social a partir de uma análise das potencialidades do TBC na região do Beira Amazonas, Amapá-Brasil (Figura 1). Posteriormente, utilizou-se uma pesquisa quanto aos objetivos do tipo descritiva e exploratória, compreendendo os levantamentos em fontes secundárias, levantamentos de experiências, estudos de casos selecionados e observação informal, visando proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado assunto, no caso, o indicativo e/ou potencial para o TBC (GIL, 2014, TRIVIÑOS, 2017; MARCONI; LAKATOS, 2018).

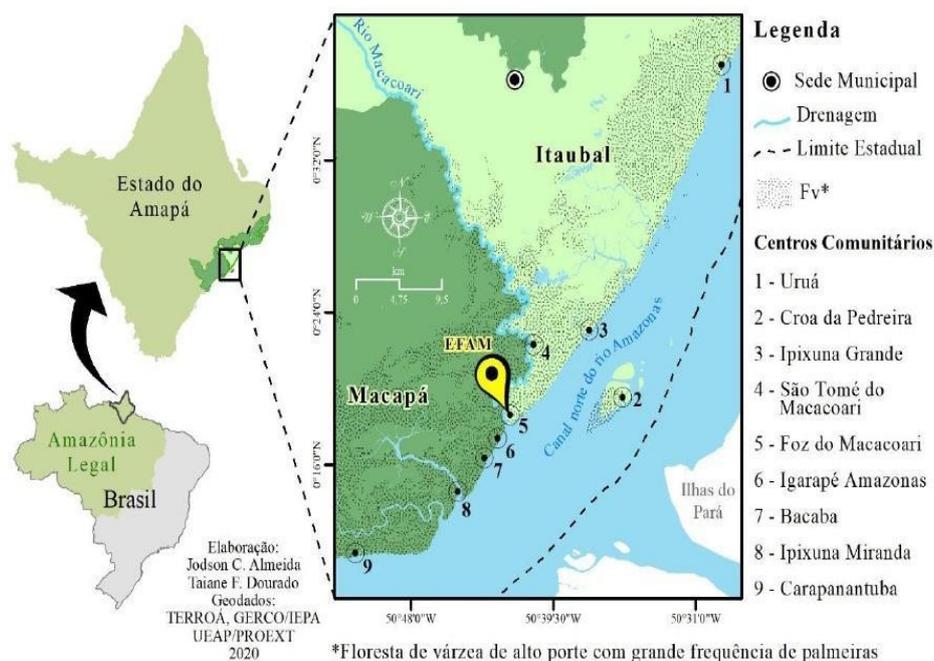
Os materiais utilizados foram de bases de dados primários e secundários. Na base de dados do PERIÓDICOS CAPES (mais abrangente), SCOPUS e WEB OF SCIENCE

(mais específicas), utilizando dos termos “COMMUNITY-BASED TOURISM” de forma geral ou associada ao termo “AMAZON”, com períodos recentes (5 a 10 anos).

As técnicas de coleta de dados foram: pesquisa documental em repositórios online de entidades que atuam com projetos nas comunidades, a exemplo da Universidade do Estado do Amapá- UEAP (<http://www.ueap.edu.br>), Instituto Internacional de Educação do Brasil - IIEB (<https://iieb.org.br>), Instituto Terroá (<https://blog.institutoterroa.org/>), etc., coleta de dados e visita às comunidades, registro de imagens e observação *in loco* com objetivo de apresentar o perfil socioeconômico com as características dos agentes e suas atividades voltadas para fomentar o TBC (LÜDKE; ANDRÉ, 1986; GIL, 2014).

Posteriormente a coleta de dados, realizou-se uma análise das informações coletadas, apresentando os dados por meio de gráficos e tabelas, com objetivo de propor roteiros turísticos. A metodologia para elaboração de roteiros turísticos de base comunitária sofreu adaptação, no sentido de utilizar o conhecimento do pesquisado, dados secundários do local, literatura para elaboração das propostas, em virtude das limitações da pandemia da Covid-19, reduzindo as viagens às comunidades e o tempo disponível para finalização do curso. Estes segmentos conseguem reunir e organizar atrativos, equipamentos, serviços turísticos e infraestrutura de apoio ao turismo, resultando na formalização dos produtos de uma determinada localidade turística. (SILVA; NOVO, 2010, p. 30).

FIGURA 1: Localização do Beira Amazonas, estado do Amapá - Brasil



Fonte: Almeida (2020)

O Beira Amazonas é descrito como uma região localizada na esquerda do Rio Amazonas com comunidades pertencentes aos municípios de Macapá e Itaubal e é distribuída em nove localidades (GOMES; CALADO, 2022). No Beira Amazonas existe uma rede hidrográfica composta pelos rios Piririm, Jupati e Macacoari, sendo que neste último encontra-se umas das comunidades, a Foz do Macacoari, região conhecida como Beira Amazonas pelos moradores locais. Na comunidade residem aproximadamente 38 famílias (Figura 1) distribuídas em três vilas: Arapu, Foz do Macacoari e Vila dos Evangélicos.

Existem atualmente duas formas de acesso, a primeira saindo do Canal do Jandiá em Macapá, com tempo de viagem em quatro (4) horas de média até o trapiche da Vila, a segunda é possível sair da capital pela Rodovia AP 070 , Rodovia do Curiaú rumo ao Distrito do Lontra da Pedreira com tempo médio de viagem de 45 minutos, após, o trajeto se dá por meio fluvial seguindo de voadeira percorrendo o rio Pedreira por mais 30 minutos até a chegada na Foz (UEAP, 2020).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na pesquisa da base de *Web Of Science* (ISI) sobre TBC de forma geral, para o período do ano de 2017 – 2023, o recorte para três anos antes e após a pandemia de Covid-19, mais o ano atual, com isto foram encontradas 3.399 publicações selecionadas de Coleção principal em que o termo TBC estaria no título, resumo ou palavras-chave.

Com relação à origem dos pesquisadores, os principais países foram Estados Unidos da América - USA com 437 (12,85%), República Popular da China com 426 (12,53%), Indonésia com 279 (8,21%), Espanha com 252 (7,41%) e Austrália 251 (7,38%). Demonstra que é uma temática difundida e registrada mundialmente. A maioria dos artigos estava filiados as áreas de “Hotelaria, lazer, desporto e turismo” com 1.105, seguido de “Ciências Ambientais” com 645 e “Estudos Ambientais” com 578. No entanto, quando associamos a palavra Amazônia ao termo TBC na base, para o mesmo período, reduz para apenas 10 publicações, sendo quatro afiliação de “florestal”, três de “zoologia e ecologia animal” e dois “Hotelaria, lazer, desporto e turismo”.

O quantitativo de publicações na área de abrangência da amazônia nos últimos seis anos sugerem algumas ponderações, a prática ainda é baixa comparando com o turismo de “massa”, e acaba refletindo em poucos estudos e publicações; a área ciências

sociais e humanas, TBC as publicações ainda ocorrem na forma de livros, relatórios, manuais e cartilhas, nem sempre identificadas pelas bases referenciais, dentre outras.

Reforçando Naranjo Llopart (2022), revelou que à escala internacional o turismo de base comunitária apresenta dificuldades semelhantes em termos de conhecimento e a falta de desenvolvimento de uma teoria suficientemente argumentada e testada na prática, que permita o seu desenvolvimento coerente com a situação de mudança do mundo atual e as transformações que ocorrem na demanda e nas preferências dos turistas. A autora ainda reforça que é importante reconhecer que, apesar de o turismo comunitário, como o turismo indígena, o turismo rural, o turismo de natureza, o turismo cultural e outras modalidades que apresentam uma demanda seletiva e especializada, não tenha surgido do turismo de massa, mas do turismo técnico, ponto de vista econômico e social passam pelos mesmos problemas e complexidades e em alguns casos superiores.

USO E OCUPAÇÃO DA REGIÃO DO BEIRA AMAZONAS

O protocolo comunitário do Beira Amazonas declarou que este território é composto por 9 (nove) comunidades, sendo que 8 (oito) delas participaram das oficinas de cartografia socioambiental, ficando ausente somente a comunidade da Ilha da Croa da Pedreira. Nas demais comunidades destacam-se alguns aspectos em comum, como o modo de vida, pois o referido Protocolo, descreveu que as comunidades são identificadas pelos moradores da comunidade em estudo como ribeirinhos, extrativistas e pescadores, sobrevivendo, sobretudo, do manejo do açaí, pesca, pequenas roças e criação de pequenos animais como galinhas, patos e porcos, buscando por formas de uso das riquezas naturais que estão associadas ao bem-estar das famílias com a manutenção e preservação dos rios e florestas (PROTOCOLO COMUNITÁRIO, 2019).

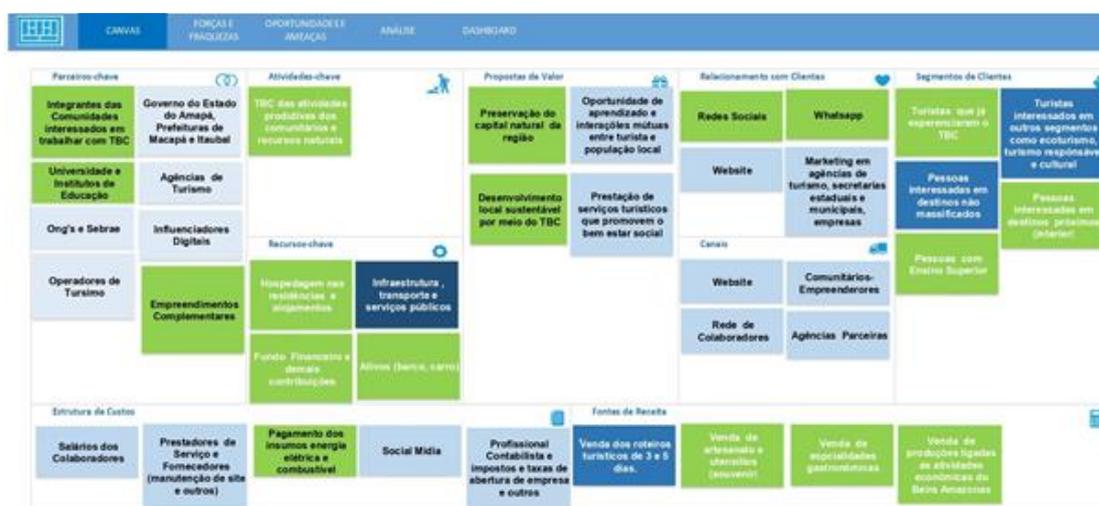
Gomes e Calado (2022), ressaltaram que no Beira Amazonas, o processo de acesso e tratamento da água é retirada da água direto do rio, sendo armazenada e decantada com sulfato, após transferida para outro recipiente onde é acrescentado hipoclorito de sódio na proporção apropriada para consumo humano, mas nem todas as pessoas têm acesso ao hipoclorito e nem aplicam o uso corretamente. Tal limitação, traz preocupação aos moradores da localidade em estudo, visto que a probabilidade de contaminação da água por agrotóxicos devido às grandes fazendas e a expansão da monocultura de soja ao longo dos rios.

O Beira Amazonas no que se refere aos serviços básicos de energia e internet, Gomes e Calado (2022), disseram que todas as comunidades, com exceção da comunidade do Uruá, são atendidas pelo linhão de energia, mas, a energia elétrica é muito instável na região e em todas as comunidades têm geradores particulares em algumas casas. No Uruá existe um gerador comunitário que recebe combustível do governo para operar, mas essa entrega não é constante. As placas solares ainda não são comuns na região, as comunidades têm grandes interesses em fazer parte de programas do governo pautado no financiamento deste tipo de energia para comunidades ribeirinhas. É pertinente ressaltar que todas as comunidades têm pontos de internet, limitada pela disponibilidade de energia.

DIAGNÓSTICO SOCIOECONÔMICO E ECOLÓGICO DO BEIRA AMAZONAS

A partir dos resultados no TCC, das avaliações, identificação de potencialidades e fragilidades, foi criado um Business Model Canvas desenvolvido a partir das informações e análises das oficinas em grupo que abordaram suas relações com instituições externas, outras comunidades e entre moradores da região. Os dados coletados possibilitaram visualizar os principais componentes de um novo negócio como forma de operação, geração de valor ao mercado, definição de fluxos de processos para futuras análises e visualização do modelo de atuação no mercado. Neste Canvas na cor verde foi identificado os componentes, que estão implementados na comunidade da Foz do Macacoari, que compõe a região do Beira Amazonas (Figura 2).

Figura 2: Business Model Canvas da comunidade da Foz do Macacoari



Fonte: O autor (2022).

De acordo com visita a comunidade da Foz do Macacoari, sede do Protocolo Comunitário, as principais atividades econômicas praticadas pelas comunidades da região são a agricultura (90%), o extrativismo, (39%) e a pecuária (14%). A produção de farinha de mandioca e de vinho do açaí são as que se sobressaem neste contexto. Na figura abaixo (Figura 3), demonstra a matriz SWOT do TBC na região do Beira Amazonas.

As potencialidades e limitações que as comunidades apresentam e se essas podem ser utilizadas para estruturar uma proposta de Roteiro Turístico na região e minimizar consequentemente as dificuldades existentes, diante disso, o desenvolvimento local implica no fortalecimento das organizações locais, do engajamento social, competência legal, administrativa e financeira. Situação que se encontra a Cooperativa dos Produtores Agroextrativistas do Bailique (AMAZONBAI) relatando todo seu processo produtivo, da colheita até a destinação final e fazendo uma análise das características únicas que a comunidade possui e que são elementos que contribuem para um possível pedido de registro para uma indicação geográfica.

Figura 3: Matriz SWOT do TBC na região do Beira Amazonas.

	Forças:	Fraquezas:
Interno Organização	<ol style="list-style-type: none"> 1. Atrativos naturais 2. Saberes locais e tradicionais 3. Construção do protocolo comunitário 4. Êxito na organização e mobilização social de outros comunitários, mulheres e juventude 5. Atividades econômicas potenciais para o TBC 6. Implementação de parcerias institucionais com universidade, ONG's e outros 7. Artesanato diversificado 8. Hospitalidade 9. Ecossistema diversificado 10. Clima agradável 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Falta de planejamento 2. Abastecimento de energia elétrica instável 3. Internet limitada pelo uso da energia elétrica 4. Falta de coleta seletiva 5. Falta de demarcação das áreas de preservação das matas ciliares 6. Formação técnica para o turismo inexistente 7. Necessidade de maior divulgação 8. Marketing sazonal e insuficiente 9. Falta de políticas públicas eficientes no território 10. Saneamento básico
	Oportunidades:	Ameaças:
Externo Ambiente	<ol style="list-style-type: none"> 1. Maior participação das comunidades envolvidas 2. Senso de pertencimento ao território e protagonismo comunitário 3. Valorização do turismo para o interior 4. Captar investimentos para as comunidades envolvidas 5. Importância maior a preservação ambiental 6. Localização geográfica 7. Abertura de um novo produto turístico para o território 8. Geração de novos empregos 9. Valorização cultural 10. Geração de emprego e renda para os comunitários 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Crise econômica local, nacional ou mundial. 2. Desastres naturais (alagamentos, incêndios, pandemias). 3. Desmatamento 4. Poluição de rios e igarapés 5. Possibilidade de contaminação da água em decorrência do uso de agrotóxicos na monocultura de soja ao longo do Rio Amazonas. 6. Erosões nas áreas das comunidades 7. Problema com o descarte do lixo 8. Falta de apoio do Governo do Estado, Prefeituras de Macapá e Itaubaí 9. Descontinuidade política 10. Caça e pesca predatória e indiscriminada

Fonte: O autor (2022).

USO E OCUPAÇÃO DA REGIÃO DO BEIRA AMAZONAS

O protocolo comunitário do Beira Amazonas declarou que este território é composto por 9 (nove) comunidades, sendo que 8 (oito) delas participaram das oficinas de cartografia socioambiental, ficando ausente somente a comunidade da Ilha da Croa da

Pedreira. Nas demais comunidades destacam-se alguns aspectos em comum, como o modo de vida, pois o referido Protocolo, descreveu que as comunidades são identificadas pelos moradores da comunidade em estudo como ribeirinhos, extrativistas e pescadores, sobrevivendo, sobretudo, do manejo do açaí, pesca, pequenas roças e criação de pequenos animais como galinhas, patos e porcos, buscando por formas de uso das riquezas naturais em que estão associadas ao bem-estar das famílias com a manutenção e preservação dos rios e florestas (PROTOCOLO COMUNITÁRIO, 2019).

Gomes e Calado (2022), ressaltaram que no Beira Amazonas, o processo de acesso e tratamento da água é retirada da água direto do rio, sendo armazenada e decantada com sulfato, após transferida para outro recipiente onde é acrescentado hipoclorito de sódio na proporção apropriada para consumo humano, mas nem todas as pessoas têm acesso ao hipoclorito e nem aplicam o uso corretamente. Tal limitação, traz preocupação aos moradores da localidade em estudo, visto que a probabilidade de contaminação da água por agrotóxicos devido às grandes fazendas e a expansão da monocultura de soja ao longo dos rios.

O Beira Amazonas no que se refere aos serviços básicos de energia e internet, Gomes e Calado (2022), disseram que todas as comunidades, com exceção da comunidade do Uruá, são atendidas pelo linhão de energia, mas, a energia elétrica é muito instável na região e em todas as comunidades têm geradores particulares em algumas casas. No Uruá existe um gerador comunitário que recebe combustível do governo para operar, mas essa entrega não é constante. As placas solares ainda não são comuns na região, as comunidades têm grandes interesses em fazer parte de programas do governo pautado no financiamento deste tipo de energia para comunidades ribeirinhas. É pertinente ressaltar que todas as comunidades têm pontos de internet, limitada pela disponibilidade de energia.

ATIVIDADES COM VIÉS PARA O TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA NAS COMUNIDADES DO BEIRA AMAZONAS

De acordo com dados do Protocolo Comunitário do Beira Amazonas, o percentual de famílias que praticam o cultivo de subsistência é de aproximadamente 85%, com a prevalência do extrativismo, destacando-se as produções do vinho do açaí, sendo que a safra do fruto é celebrada por meio de uma festividade típica realizada na região no mês

de julho, chamado de “Festival do Açaí”. A produção do açaí gira em torno de 78,95% das famílias do território e da farinha e mandioca; isto demonstra a relação intrínseca do uso sustentável dos recursos naturais disponíveis no território. (PROTOCOLO COMUNITÁRIO, 2019). A seguir Imagens do percurso de barco até o Beira Amazonas. (Figura 4).

Os comunitários entendem a região que habitam como um grande patrimônio cultural e ecológico a serem preservados, por gerarem infinitas formas de vida, o convívio entre os moradores com outras pessoas combina elementos e características dos variados modos de existir com base em contextos sociais diferenciados. Possuem processos educativos e de territorialização afirmativos com pleno senso de pertencimento aos seus territórios (UEAP, 2020).

Figura 4: Imagens do percurso e das comunidades do Beira Amazonas durante visita, estado do Amapá, Brasil.



Fonte: O autor (2022).

Foi revelado que o sentimento de pertencer a um destino TCB modera a relação entre o desempenho do turismo baseado na comunidade e a intenção boca-a-boca dos usuários, tais resultados foram identificados por Han et al (2019), no referido estudo a associação foi mais forte no grupo de alto sentido de pertencimento, do que no grupo baixo. Este resultado implica que a percepção dos viajantes sobre o desempenho do turismo baseado na comunidade é provável que resulte na intenção boca a boca quando seu nível de senso de pertencimento para o destino é alto.

Essas comunidades organizadas, com o auxílio dos encontros do protocolo comunitário (Figura 5) a partir desse contexto de interações com meio ambiente, das

relações entre seus moradores, dos saberes e tradições locais, convive também com a falta de políticas públicas básicas, buscando a sobrevivência de suas famílias através da auto-organização e de novas relações práticas. Diante disso, têm-se potencialidades econômicas que podem contribuir para o desenvolvimento dessas comunidades como as cadeias produtivas relacionadas ao extrativismo vegetal e animal, artesanato, cultura, gastronomia, belezas naturais e TBC.

Mtapuri, Camilleri e Dłużewska (2022) sugerem que o turismo de base comunitária pode criar valor comercial e social para os destinos, empresas locais, bem como para os residentes. Ao mesmo tempo, esclarece que o TBC oferece experiências culturais ricas e imersivas que podem potencializar a experiência do turista ao visitar diferentes comunidades.

Figura 5: Reuniões do protocolo comunitário das comunidades do Beira Amazonas durante visita, estado do Amapá, Brasil.



Fonte: O autor (2022).

Os autores acima, postulam que as abordagens sustentáveis de TBC podem melhorar o desenvolvimento econômico local das comunidades. Outras atividades e vivências poderiam ser incorporadas às atividades de TBC na medida que a comunidade apresente demandas, a exemplo de projetos com a escolha família e com a cozinha comunitária (Figura 6).

No que se refere às questões educacionais, nesta área existe somente uma escola que oferece o Ensino Fundamental e Médio (no sistema modular de ensino) e a Escola Família Agroecológica do Macacoari. Segundo o Protocolo Comunitário do Beira

Amazonas, 2,87% dos moradores não tiveram oportunidade de acesso à educação escolar. A Escola Família Agroecológica do Macacoari (EFAM) se localiza no município de Itaubal do Pírrim, compreendendo uma dimensão territorial de 1.622 km², que se limita ao município de Macapá e ao Rio Amazonas. (PROTOCOLO COMUNITÁRIO, 2019).

A distância do Beira Amazonas para o município de Macapá é de 90 km. A localidade em estudo surgiu a partir do contexto de criação do ente federativo por meio da Lei de nº 5, de 1º de maio de 1992. O nome da localidade faz referência ao município de Itaubal, os quais são um tipo de madeira proveniente da árvore de itaúba (*Mezilaurus itauba*) (LAMEIRA et al., 2017).

Figura 6: Mulheres agroextrativistas inauguram Cozinha Coletiva do Beira Amazonas (AP) no município de Itaubal, no Beira Amazonas, Amapá. Cozinheiras (A), geleia de açaí (B), maionese de açaí (C), empadão de camarão e massa de pupunha, treinamento (E), divulgação do projeto (F).



Fonte: Unifap/Instituto Internacional de Educação do Brasil (IEB); <https://selesnafes.com>; <https://www.jornalismoagcom.com>

Gomes e Calado (2022), ressaltaram que a EFAM atende vinte e três (23) comunidades (Nossa Senhora de Nazaré na foz do Rio Amazonas, Distrito de Carapanatuba, Ipixuna Miranda, Ipixuna Grande, Carmo do Macacoari, São Tomé do Macacoari, Curicaca, Inajá, São Miguel, Rio Jordão, Limão, Pau Mulato, Igarapé Novo, Bom Sucesso, Capim, Cobra, Quintino, Cacao, Uruá, Poraquê, Jupati e Siriuba) existentes

na região da Foz do Macacoari, abrangendo três (3) principais municípios que são: Itaubal, Macapá e Mazagão.

POTENCIALIDADES E FRAGILIDADES DA REGIÃO DO BEIRA AMAZONAS

O Beira Amazonas tem uma relação muito próxima com o uso da terra de forma sustentável dos recursos naturais presentes na região, garantindo a sua permanência da subsistência das cadeias produtivas, sobretudo associadas as práticas extrativistas (açai e pescado) (GOMES; CALADO, 2022). A região em estudo tem outras potencialidades em que estão atreladas ao modo de vida e as relações determinadas com o meio ambiente diante da comercialização dos produtos das florestas, sua regionalidade, modo de vida e as vivências em comunidade por meio de organizações comunitárias.

Silva, Costa e Holanda (2021), pesquisando a influência do comportamento ambientalmente responsável e a abertura à experiência na intenção de visitar destinos de turismo de base comunitária, obteve como principais resultados a influência positiva na variável dependente, corroborando com a literatura que apontam o turista com consciência ambiental, respeitando a atitude em relação à cultura local e aberto a novas experiências como perfil de potencial visitante dos destinos do TBC.

No Beira Amazonas, o rio é considerado pelos moradores como um divisor de águas para as suas vidas, pois além de ofertar o pescado que promove o sustento das famílias que residem na região, é também via de acesso às outras comunidades e municípios. Vale ressaltar que o rio na Amazônia não faz a divisão de territórios, ao contrário, ele integra a sociobiodiversidade existente. Logo, observa-se que a concepção de pertencimento do Beira Amazonas pelos ribeirinhos amazônicos é para além do uso dos recursos naturais, principalmente, das relações estabelecidas com o meio ambiente, tornando-se uma potencialidade a serviço do TBC (UEAP, 2020).

A falta de políticas públicas do Estado do Amapá promove exclusão e esquecimento desses grupos sociais, que residem na região do Beira Amazonas, como os ribeirinhos, indígenas, quilombolas, pescadores artesanais, extrativistas, entre outros, alavancando a necessidade de auto-organização destes mesmos grupos, que lutam por sobrevivência, buscando o bem-estar de suas famílias. Logo, destacam-se as principais potencialidades: cadeias produtivas de produtos extrativistas, especialmente do açai e produtos oriundos da floresta (mel, óleos, materiais para artesanato, frutas); cadeia

produtiva do pescado; capital social e as organizações comunitárias; o meio (floresta e rios) e atividades culturais e de lazer (UEAP, 2020).

Em contrapartida, dentre as fragilidades do Beira Amazonas, destacam-se: precariedade do sistema de abastecimento de energia elétrica; precariedade dos serviços públicos; dependência química, especialmente entre a juventude (drogas e álcool); ausência de saneamento básico (abastecimento de água potável, coleta de lixo e esgotamento sanitário); necessidade de capacitação para os professores; necessidade de perspectivas econômicas para a juventude; sensibilização dos comunitários para as atividades coletivas da região (UEAP, 2020).

Com relação ao saneamento, medidas governamentais poderiam implantar programas de Fossa séptica biodigestora adaptada para área de várzea do estuário amazônico, projeto desenvolvido pela Embrapa (OLIVEIRA et al., 2018.)

As comunidades do Beira Amazonas possuem relação intrínseca com o uso da terra de forma sustentável graças às cadeias produtivas ligadas ao extrativismo, a exemplo, açaí, farinha de mandioca, pescado, produtos oriundos da floresta (mel, óleos, materiais para artesanato, frutas) entre outros. Existem também outras potencialidades como atrativos naturais (floresta e rios), atrativos culturais e de lazer, capital social e organizações comunitárias (UEAP, 2020).

Essas cadeias produtivas possuem três eixos de atuação: cadeia de valor (organização-produção-indústria-mercado); circularidade do produto (bem-estar do consumidor-meio ambiente-distribuição justa) e sistema financeiro (próprio-público-privado) e são de extrema relevância, pois fundamentaram a construção do instrumento de gestão do território (protocolo comunitário). Além disso, as organizações comunitárias do Beira Amazonas terão uma ferramenta que objetiva o empoderamento ao tratar com atores externos como Governos e consumidores.

A roteirização auxilia o processo de identificação, elaboração e consolidação de novos roteiros turísticos, além disso, tem como função apontar a necessidade de aumento dos investimentos em projetos já existentes, seja na melhoria da estrutura atual, seja na qualificação dos serviços turísticos que serão oferecidos. O processo de roteirização pode contribuir para o aumento ou a manutenção do número de turistas que visitam a região e do seu prazo médio de permanência nos destinos, estimulando a circulação da riqueza ali gerada.

Com o manual de TBC da região revisado e pronto, é considerando o bom planejamento na elaboração de roteiros turísticos, deve-se considerar o envolvimento de outros segmentos como Governos, iniciativa privada e sociedade civil para apresentação das iniciativas até então realizadas desta prática de turismo, buscando novos caminhos e acordos entre as partes no futuro.

CONCLUSÕES

As comunidades da região Beira Amazonas no estado do Amapá apresentam características para desenvolverem o Turismo de Base Comunitária-TBC como uma atividade secundária de seus processos produtivos e atividades para contribuir com a sustentabilidade local, considerando os fatores econômicos, sociais, ambientais e culturais.

Os roteiros ligados a atividades produtivas, como a cultura do açaí, farinha de mandioca, pesca, cozinha comunitária, sem deixar de lado as expressões e vivências culturais, sociais e vivências ambientais, se apresentam como potencialidades imediatas de fácil estruturação.

Os principais desafios encontrados para desenvolver a atividade TBC no Beira Amazonas estariam ligadas a infraestrutura de transporte, saneamento, comunicação, bem como, mais apoios das entidades públicas para prestar treinamentos e qualificações básicas para auxiliar na estruturação da atividade.

AGRADECIMENTOS

A comunidade pelo acolhimento. A Universidade do Estado do Amapá- UEAP pelo apoio logístico, financeiro e ao Nutex por permitir participação nos projetos. Ao CNPq pela Bolsa de produtividade DT do último autor.

REFERÊNCIAS

ÁLVAREZ-GARCÍA, J.; DURÁN-SÁNCHEZ, A.; DEL RÍO-RAMA, M. D. I. C. Scientific Coverage in Community-Based Tourism: Sustainable Tourism and Strategy for Social Development. *Sustainability*, 10, n. 4, p. 1158. 2018,

ALMEIDA, J. C. **Cartas temáticas do arquipélago do Bailique**, AP. 2020

ANDRADE. I. V. **Turismo: fundamentos e dimensões**. São Paulo: Ática, 2012.

BARROS, L. S. C.; LEUZINGER, M. D. Turismo de base comunitária e os desafios para sua implementação em unidades de conservação. **Revista Direitos Sociais e Políticas Públicas**, v. 8, n. 2, 2020.

BURGOS, A.; MERTENS, F.. As redes de colaboração no turismo de base comunitária: implicações para a gestão participativa. **Tourism & Management Studies**, v. 12, n. 2, 2016.

BURSZTYN, I., BARTHOLO, R. O processo de comercialização do turismo de base comunitária no Brasil: desafios, potencialidades e perspectivas. *Sustentabilidade em Debate*, v.3, n.1, p. 97-116, 2012.

CASTELLI, G. **Turismo: atividade marcante**. Caxias do Sul: EducS, 2011.

CORIOLOANO, L. N. M.; LIMA, L. C. **Turismo comunitário e responsabilidades socioambiental**. Ceará: EDUECE, 2003.

CORNER, D. M. R. **Introdução ao turismo**. São Paulo: Roca, 2016.

FABRINO, N. H.; NASCIMENTO, E. P. do; COSTA, H. A. Turismo de Base Comunitária: uma reflexão sobre seus conceitos e práticas. **Caderno Virtual de Turismo**. v. 16, n. 3, p. 172- 190, 2016.

FONTOURA, A. G. C.; GUERRA, M. F.; ALVITE, C. M. C. ; SANTOS, B. V. S. ; SOUZA, T. V. S. B. ; PELLERES, J. **Turismo de Base Comunitária (TBC) em Unidades de Conservação Federais: Caderno de Experiências**. 1. ed. Brasília: ICMBio, 2019. 171 p.

GRACIANO, P. F. ; HOLANDA, L. A. Análise bibliométrica da produção científica sobre turismo de base comunitária de 2013 a 2018. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 161 179, 2020.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2014.

GOMES, R. K. S.; CALADO, J. F. O resistir e reexistir das populações tradicionais e extrativistas no Território Amazônico Amapaense. **REMEA - Revista Eletrônica Do Mestrado Em Educação Ambiental**, v. 37, n. 4, p. 28–43, 2020.

GOMES, R. K. S.; CALADO, J. F. **Rio de saberes: vivências de populações tradicionais na construção de seus territórios de vida na Amazônia Oriental – Amapá**. Curitiba: CRV, 2022.

GOMES. C. C. Turismo comunitário: um caminhar para o desenvolvimento local. **Geoiंगा**, Maringá, v. 9, n. 1, p. 25-48, 2017.

GUIZI, A.; FARIAS, A.; MARCHESINI, R. Gestão das experiências em hospitalidade no turismo comunitário. **Revista Turismo & Desenvolvimento**, n. 27/28, p. 149 – 158, 2017.

HALLACK, N.; BURGOS, A.; ROCCO CARNEIRO, D. M. Turismo de base comunitária: estado da arte e experiências brasileiras. **Ambientalmente sustentável**, v. 01, n. 011-012, p. 7-25, 30 Jun. 2015.

HAN, H.; EOM, T.; AL-ANSI, A.; RYU, H.B.; KIM, W. Community-Based Tourism as a Sustainable Direction in Destination Development: An Empirical Examination of Visitor Behaviors. **Sustainability**, v. 11, n 10, 2864. 2019.

HILÁRIO, R. R.; TOLEDO, J. J.; MUSTIN, K.; CASTRO, I. J.; COSTA-NETO, S. V.; KAUANO, E. E.; EILERS, V.; VASCONCELOS, I. M.; MENDES-JUNIOR, R. N.; FUNI, C.; FEARNSSIDE, P. M.; SILVA, J. M. C.; EULER, A. M. C.; CARVALHO, W. D. The Fate of an Amazonian Savanna: Government Land-Use Planning Endangers Sustainable Development in Amapá, the Most Protected Brazilian State. **Tropical Conservation Science**.v. 10, Op.1-8, 2017.

IRVING, M. A. Reinventando a reflexão sobre turismo de base comunitária: inovar é possível? In: BARTHOLO, R.; SANSSOLO, D. G.; BURSZTYN, I. **Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009. P. 108-121.

KNAFOU, R. **Turismo e território**: por uma abordagem científica do turismo. São Paulo: Hucitec, 2001.

LAMEIRA. A. M. T.; CANTO, O.; FARIAS, A. Conflito socioambiental no cerrado: a monocultura da soja nos municípios de Itaubal e Macapá, Amapá. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará (IHGP)**, Belém, v. 04, n. 01, p. 19-35, 2017.

LEE, T. H.; JAN, F.-H. Can community-based tourism contribute to sustainable development? Evidence from residents' perceptions of the sustainability. **Tourism Management**, v. 70, p. 368-380, 2019.

LENZ, T. C. Z. **Teoria geral do turismo**. Indaial: Uniasselvi, 2011. 193 p. il

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MALDONADO, C. O turismo rural comunitário na América Latina: Genesis, características e políticas. In Bartholo, R.; Sansolo, D. G.; Bursztyn, I. (Org.). **Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009. P. 25 - 44.

MTAPURI, O.; CAMILLERI, M. A.; DŁUŻEWSKA, A. Advancing community-based tourism approaches for the sustainable development of destinations. **Sustainable Development**. V. 30, n. 3, p. 423-432, 2021.

MARCONI, M. A., LAKATOS, E. M. Técnicas de pesquisa. Planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 8 ed. São Paulo: Atlas, 2018.

MTUR - MINISTÉRIO DO TURISMO. Dinâmica e diversidade do turismo de base comunitária: desafio para a formulação de política pública. Brasília: Ministério do Turismo, 2010. 88 p.

MORAES, E. A.; IRVING, M. A.; PEDRO, R. M. L. R.; OLIVEIRA, E. Turismo de base comunitária à luz da teoria ator-rede: novos caminhos investigativos no contexto brasileiro. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 122, 2020.

NASCIMENTO, F.G; LIMA, G.F.C. Turismo de Base Comunitário como alternativa para o desenvolvimento rural: a experiência da comunidade rural de Chã de Jardim, Areia-PB. João Pessoa: editora CCTA. 2020. 111 p.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 3ª ed. Revista e ampliada – Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

OLIVEIRA, B. R.; GUEDES, M. C.; LIRA-GUEDES, A. C.; MARMO, C. R.; SARGES, R. C.; COSTA, J. B. P. **Construção do sistema de fossa séptica biodigestora adaptada para várzeas estuarinas do Rio Amazonas**. Brasília: Embrapa Instrumentação, 2018. 32 p.

OLIVEIRA, A. P.; SANTOS, B. P. C. Turismo de Base Comunitária na Amazônia Legal brasileira: organização da atividade ou estratégia de marketing? **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v. 12, n. 4, p. 488-505, 2019.

PINHEIRO, R. C. S. Turismo de base comunitária como inovação social na gestão do turismo em espaços rurais. **Ponta de Lança**, São Cristóvão, v. 10, n. 19, jun.- dez. 2016.

PREDIGER, M. I. S. A. **Turismo como alternativa de desenvolvimento no município de Esperança do Sul**. 2015. 81 f. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Administração) - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Três Passos, 2014.

RAWET, V. L. Turismo de base comunitária no Rio de Janeiro: Inclusão social e desenvolvimento local apoiados pela atividade turística. Rio de Janeiro: UFRJ/ Escola Politécnica, 2014.

RIBEIRO, M. **Turismo comunitário: relações entre anfitriões e convidados**. São Paulo, Manole, 2012.

RICHTER, M. **Elaboração de Roteiros**: volume único. Rio de Janeiro: Fundação Cecierf, 2016. 328 p.

SANCHO, A.; MALTA, G. Pesquisa de demanda para Turismo de Base Comunitária: desafios à promoção do encontro entre comunidades e viajantes. **Turismo em Análise**, v. 26, n. 1, p. 38-67, 2015.

SETUR - Secretaria de Turismo do Amapá. **Plano estadual de turismo do Amapá**. SETUR, 2016. Disponível em: https://editor.amapa.gov.br/arquivos_portais/

publicacoes/ SETUR_1bb8f4257dfe44dd4c60ec08589735eb.pdf. Acesso em: 15 jul. 2021.

SETUR - Secretaria de Turismo do Amapá. **Relatório de gestão**. SETUR, 2019. Disponível em: https://www.tce.ap.gov.br/relatorio_gestao/Secretaria%20de%20Estado%20do%20Turismo%20-%20SETUR%20-%202019.pdf. Acesso em 15 jul. 2021.

SILVA, Renata. Técnicas de elaboração de roteiros turísticos. Indaial: Uniasselvi, 2013. 173 p. :il. Disponível em: < <https://www.uniasselvi.com.br/extranet/layout/request/trilha/materiais/livro/livro.php?codigo=13192>>. Acesso em: 10 mai. 2023.

SILVA, G. T.; NOVO, C. B. M. C. **Roteiro turístico**. Manaus: Centro de Educação Tecnológica do Amazonas, 2010. Disponível em: <http://redeetec.mec.gov.br/images/stories/pdf/eixo_hosp_lazer/061112_rot_tur.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2023.

SILVA, T. P. G.. COSTA, M. F.; HOLANDA, L. A. Environmentally responsible behaviour, place authenticity and openness to experience for community-based tourism (CBT) destinations. **International Journal of Tourism Policy**, v. 11, n. 2, p. 93-116, 2021. <https://doi.org/10.1504/IJTP.2021.117368>

SUANSRI, P. **Community Based Tourism Handbook**. Translation Bongkot Sewatarmra, Krisda Momtakhob, Jamie LeJeune, Peter Richards. Thailand: Mild Publishing, 2003. 120 p.

TAVARES, A. M. **City tour**. São Paulo: Aleph, 2002.

TOLKACH, D.; KING, B.; PEARLMAN, M. An Attribute-Based Approach to Classifying Community-Based Tourism Networks. **Tourism Planing & Development**. V. 10, n. 3, p. 319-337, 2013.

TOSTES, J. A.; MOURA, C. I. R. Biodiversidade e unidades de conservação: as implicações nas pequenas cidades no corredor transfronteiriço, entre o Amapá e a Guiana Francesa. **Revista Nacional de Gerenciamento de Cidades**, v. 5, n. 36, p. 48-63, 2017.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em Educação**. São Paulo, SP: Atlas, 2017.

UEAP - Universidade do Estado do Amapá. **Relatório do projeto de fortalecimento da pró-reitoria de extensão da universidade do Estado do Amapá**. 2020. Disponível em: www.ueap.edu.br. Acesso em: 15 jul. 2021.

TEIXEIRA, F. R., VIEIRA, F. D. E MAYR, L. R. Turismo de base comunitária: Uma abordagem na perspectiva da análise de clusters, **Turismo: Visão e Ação**, v. 21, n. 2, p. 02–21, 2019.